

DISTRIBUIÇÃO BIOGEOGRÁFICA DE TRIATOMÍNEOS (HEMIPTERA, REDUVIIDAE) E AÇÃO ANTRÓPICA NA REGIÃO CHAPADA DIAMANTINA, BAHIA

Nilmara Saturnino de Souza¹; Eraldo Medeiros Costa Neto², Rodrigo Gurgel-Gonçalves³

1. Bolsista PROBIC, Graduanda do curso de Licenciatura em Geografia, Departamento de Ciências Humanas e Filosofias Universidade Estadual de Feira de Santana, e-mail: marasaturnino4@hotmail.com
2. Professor Orientador, Universidade Estadual de Feira de Santana, Departamento de Ciências Biológicas, e-mail: eraldont@hotmail.com
3. Professor co-orientador, Universidade de Brasília, Faculdade de Medicina, e-mail: rgurgel@unb.br

PALAVRAS-CHAVE: triatomíneos, ação antrópica, distribuição biogeográfica

Introdução

A doença de Chagas é considerada a infecção parasitária de maior importância na América Latina devido aos impactos econômico e social que provoca. O Estado da Bahia apresenta a maior variedade de espécies de triatomíneos conhecidos no Brasil com 25 espécies registradas. Os triatomíneos diferem dos demais insetos da família Reduviidae por seu hábito hematófago obrigatório em todas as fases de desenvolvimento (LENT, WYGODZINSKY, 1979).

A principal forma de transmissão é a partir da contaminação de mucosas com fezes de insetos hematófagos da subfamília Triatominae (Hemiptera, Reduviidae). Algumas espécies de triatomíneos colonizam casas de baixa qualidade, favorecendo a transmissão do parasito ao homem e animais domésticos (LENT, WYGODZINSKY, 1979).

A domiciliação dos barbeiros pode estar associada à ação antrópica, uso e ocupação do solo, propiciando modificações na dispersão e distribuição geográfica das espécies, permitindo crescimento populacional destes insetos e, conseqüentemente, maior risco de transmissão da doença de Chagas (FORATTINI, 1980). Isso mostra a importância de se conhecer melhor a distribuição geográfica dos potenciais vetores do *T. cruzi* ao homem. Nesse sentido, o presente trabalho discute a distribuição biogeográfica das espécies de triatomíneos na região Chapada Diamantina e as ações antrópicas que favorecem sua domiciliação.

Metodologia

A metodologia empregada para atingir os objetivos deste trabalho baseia-se na revisão bibliográfica de registros de ocorrência das espécies de triatomíneos na Bahia. Esses registros foram obtidos a partir de dados fornecidos pelo Programa de Controle da Doença de Chagas do Estado da Bahia entre 2001 e 2009. Este programa mantém a vigilância ativa (pesquisa dos agentes em unidades domiciliares pelo menos uma vez ao ano) e passiva (notificação pelo morador nos Postos de Informações de Triatomíneos - PITs) de acordo com uma classificação de risco (SILVEIRA, 2004).

Também foram utilizadas técnicas do Sistema de Informações Geográficas (SIG) para elaboração de mapas de distribuição geográfica das espécies de triatomíneos na Bahia, os quais foram criados e editados usando o programa ArcView. Foram incluídos alguns registros de triatomíneos nas coleções de Rodolfo Carcavallo e Herman Lent no Laboratório Nacional e

Internacional de Referência em Taxonomia de Triatomíneos, Instituto Oswaldo Cruz, FIOCRUZ.

Resultados

Foram encontradas dez espécies de triatomíneos na Chapada Diamantina (Tabela 1). Os municípios de Morro do Chapéu, Rio de Contas e Souto Soares foram os que apresentaram maior diversidade de espécies de barbeiros, seguidos de Barra da Estiva e Iraquara, que apresentaram apenas seis espécies; em Andaraí, Ibicoara e Marcionílio Souza observou-se a ocorrência de apenas duas espécies. Isso ocorreu por causa de fatores ambientais, a exemplo do tipo de clima e vegetação, aliado às ações antrópicas que favoreceram o aparecimento dessas espécies.

Tabela 1. Registro de triatomíneos nos municípios da Chapada Diamantina, segundo dados da Secretaria Estadual da Bahia, SES/Bahia (1999-2009) e Silveira et al. (1984).

Municípios	Espécies presentes									
	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J
Abaíra				X					X	X
Andaraí									X	X
Barra da Estiva		X	X	X			X		X	X
Boninal		X		X					X	X
Bonito	X		X	X						
Ibicoara				X						X
Ibitiara		X	X				X	X	X	X
Iraquara		X	X	X			X	X	X	X
Itaeté	X	X	X						X	X
Jussiape			X		X	X			X	X
Lençóis										
Marcionílio Souza									X	X
Morro do Chapéu		X	X	X	X		X		X	X
Mucugê			X		X				X	X
Nova Redenção	X	X	X						X	X
Novo Horizonte		X	X			X			X	X
Palmeiras		X	X	X					X	X
Piatã				X					X	X
Rio de Contas	X	X	X		X	X			X	X
Seabra		X	X	X				X	X	X
Souto Soares	X	X	X		X		X		X	X
Utinga		X		x					X	X
Wagner										

Legenda: A. *Panstrongylus diasi*; B. *P. geniculatus*; C. *P. lutzi*; D. *P. megistus*; E. *Triatoma brasiliensis*; F. *T. infestans*; G. *T. melanocephala*; H. *T. lenti*; I. *T. pseudomaculata*; J. *T. sordida*.

Venâncio (2010) afirma que a proximidade das habitações humanas com os meios naturais, em áreas com uma crescente intervenção antrópica, torna fácil o acesso de animais sinantrópicos, o que propicia as condições do ciclo domiciliar do parasito, condicionando a dispersão dos vetores, a colonização dos ecótopos e contribuindo para manter o ciclo do sistema epidemiológico nessa região, visto que sob novas condições morfoclimáticas os triatomíneos se adaptam na tentativa de sobrevivência e dispersão das espécies.

A partir dos dados e informações organizados e sistematizados, nota-se que principalmente no Estado da Bahia em áreas semiáridas, as ações antrópicas, associadas a precárias condições socioeconômicas da população, propiciam modificações na distribuição e dispersão das espécies de triatomíneos transmissores da doença de chagas por meio do

parasito hemoflagelado *Trypanosoma cruzi*, que colonizam casas com péssimas condições de moradia, principalmente, pela relação direta desses insetos com habitações humanas, ou seja, sua domiciliação (SILVA, 1997).

Entre as perspectivas para o controle e vigilância dos vetores da doença de Chagas na Bahia estão: 1) conclusão das atividades de borrifação integral com pesquisa entomológica associada, naqueles municípios com infestação residual por *T. infestans* ou com suspeita de infestação; e 2) ampliação da rede de Postos de Informação de Triatomíneos (PITs) e atividades educativas. Com a primeira dessas atividades se espera eliminar os focos residuais de *T. infestans* na Bahia. Nos casos comprovados de persistência dos focos após controle químico recomenda-se realizar o manejo ambiental, por meio da melhoria da moradia (reboco, reformas ou construção de novas casas) e comportamentos de prevenção (organização e limpeza da casa, retirada de animais do interior da casa e construção de currais e galinheiros mais distantes da casa, por exemplo).

É importante a análise da totalidade e como esta criou as condições de ocorrência da doença de Chagas.

Conclusão

A distribuição geográfica das espécies de triatomíneos na Chapada Diamantina deve estar associada tanto aos impactos antrópicos quanto a aspectos socioculturais. Assim, levar em consideração essas questões torna-se importante na elaboração de medidas que subsidiem propostas relacionadas com saúde pública culturalmente viáveis, bem como estratégias que levem a um menor risco de contato com as espécies de triatomíneos.

Recomenda-se reforçar o controle nos municípios de maior risco de transmissão (com registro de *T. infestans*) com a visita rotineira dos agentes de saúde e reforço de programas, como o PETi (Programa de Eliminação de *T. infestans*). Recomenda-se, também, reforçar a vigilância das espécies nativas com ampliação dos PITs, estímulo à notificação pelo morador com medidas educativas, controle químico seletivo e manejo ambiental. Todas essas ações devem ser realizadas principalmente nas áreas semiáridas da Bahia, onde a ocorrência dos triatomíneos é maior.

Referência Bibliográfica

FORATTINI, O. P. Biogeografia, origem e distribuição da domiciliação de triatomíneos no Brasil. **Revista de Saúde Pública**, v. 14, p. 265-299, 1980.

LENT, H.; WYGODZINSKY, P. Revision of the Triatominae (Hemiptera, Reduviidae), and their significance as vectors of Chagas Disease. **Bulletin of the American Museum of Natural History**, v. 163, p. 520-529, 1979.

SILVA, L. J. O conceito de espaço na epidemiologia das doenças infecciosas. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 13, p. 585-593, 1997.

SILVEIRA, A. C. Enfoque de riesgo em actividades de control de triatomíneos. **Revista de Patologia Tropical**, v. 33, p. 193-206, 2004.

SILVEIRA, A. C.; FEITOSA, V. R.; BORGES, R. Distribuição de triatomíneos capturados no ambiente domiciliar, no período de 1975/83, Brasil. **Revista Brasileira de Malariologia e Doenças Tropicais**, v. 36, p. 15-312, 1984.

VENÂNCIO, A. F. **Subsídios para a gestão do risco em Saúde Pública: o caso da tripanossomíase americana**. 2010. 340 p. Dissertação (doutorado em desenvolvimento sustentável) – Centro de Desenvolvimento Sustentável, Universidade de Brasília, Brasília, 2010.